

González enfatiza necessidade de novos empréstimos

por Getulio Bittencourt
de Montreal

Em sua apresentação aos bancos credores, durante o encontro anual do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), o ministro da Economia da Argentina, Antonio Erman González, conseguiu falar durante trinta minutos, e dedicar um parágrafo à dívida externa, sem pronunciar uma única vez a palavra "pagar". Sentado na penúltima fila do auditório, o executivo sênior do Citicorp para riscos soberanos, William Rhodes, balançou negativamente a cabeça no final.

O governo argentino quer normalizar suas relações com as agências multilaterais e com os governos credores, disse o ministro, "porque precisamos recuperar os investimentos e para isso precisamos da confiança de todos os investidores". Ele pediu aos credores que levem em conta o esforço de ajuste interno do governo Carlos Menem e providenciem "ajuda de emergência, porque enfrentamos problemas sociais de grande profundidade".

Os credores, de certo modo, já haviam respondido. No domingo à tarde William Rhodes repetira suas declarações ao Congresso dos Estados Unidos duas semanas atrás, afirmado que os países em atraso no pagamento de juros não se qualificarão para programas de redução da dívida externa e, eventualmente, dinheiro novo.

O banqueiro alemão Volker Burghagen, gerente-geral sênior do Dresdner Bank AG, havia sido ainda mais claro ao dizer que todos os empréstimos dos bancos para a América Latina, nos anos 70, não "contribuíram para seu desenvolvimento". Mas os bancos estão dispostos a mostrar sua fé e boa vontade para com o continente na forma de financiamento de curto prazo para o comércio; financiamento de déficits no balanço de pagamentos, porém, nem pensar.

Herman González dedicou a maior parte de sua intervenção a explicar o que aconteceu com a economia argentina, e o que o atual governo tenta fazer para recuperá-la. Seu diagnóstico é o de uma doença crônica. Em 1970, a Argentina tinha um Produto Interno Bruto (PIB) per capita de US\$ 3.319; em 1989 ele caiu para US\$ 2.369.

O PIB agrícola permaneceu mais ou menos estável no período, mas o PIB industrial caiu brutalmente. Em 1977 seu país tinha um investimento de 26,8% do PIB, em 1989 o percentual caiu para 8,1%.

O resultado dessa queda nos investimentos, de quase dois terços, é que o setor privado deixou de absorver os jovens argentinos que todos os anos entram no mercado de trabalho. O Estado tentou reduzir o problema criando empregos artificialmente, mas isso desequilibrou suas finanças, produzindo uma inflação que é estimada em 20 bilhões de pontos percentuais nas duas últimas décadas. E o desemprego e o subemprego somados continuam no patamar alto de 14%.

Depois de notar que a inflação acumulada de 20 bilhões em vinte anos é provavelmente a maior do mundo, Erman González listou as setenta medidas do último pacote do governo Menem, lançado em meados de janeiro. Trata-se de um esforço de redução do Estado, e de liberalização da economia, que o ministro considera "sério e profundo".

O pacote libera câmbio, preços, salários, juros. O Estado fracassou na Argentina em todas essas áreas, disse Erman González.

Sua tentativa de redistribuir a renda, impondo uma política de salários nos últimos anos, por exemplo, fez com que a participação dos salários na renda argentina caísse de 45% em seu pico nos anos 70 para apenas 22% atualmente. O pacote também reduz o tamanho do Estado, fecha órgãos governamentais e se propõe a diminuir em 20% o total de funcionários públicos.

Os banqueiros, contudo, permanecem céticos com planos. "O capital é um animal tímido", disse o chefe do segundo maior banco alemão, Volker Burghagen, "e o mero anúncio de reformas econômicas não é provavelmente suficiente" para fazê-lo voltar à América Latina em grande escala, como ficou claro nos anos 80.